

CINEMA E EDUCAÇÃO: UMA PROPOSTA DE USO DO CINEMA COMO RECURSO PEDAGÓGICO



CINEMA AND EDUCATION: A PROPOSAL FOR USING CINEMA AS A PEDAGOGICAL RESOURCE

BEATRIZ ALVES REIS

Graduação em História pela Universidade Federal de São Paulo (2022); Mestre em História pela Universidade Federal de São Paulo (2025); Professora de Ensino Fundamental II – História – na EMEF Prof. Antônio de Sampaio Dória.

RESUMO

O presente artigo discute o uso do cinema na educação, destacando sua linguagem polissêmica e o papel mediador do professor. A lei 13.006/2014 torna obrigatória a exibição de filmes nacionais nas escolas. O artigo propõe uma abordagem multidisciplinar entre Artes e História, baseada no projeto “Ver, Pensar e Criar: O Cinema como Janela para o Mundo”, aplicado em uma escola municipal de São Paulo no contraturno. O projeto visa desenvolver olhar crítico e protagonismo dos alunos, combatendo a dessensibilização causada pelo isolamento digital. O texto resgata o histórico do cinema educativo no Brasil, desde o INCE (década de 1930) até o Cinema Novo, que valorizava a realidade periférica. O filme Saneamento Básico (2007) é usado como exemplo por sua metalinguagem e crítica às dificuldades de produzir cinema no Brasil. A trama mostra uma comunidade que faz um filme para obter verba para saneamento, evidenciando os ganhos simbólicos da arte. O plano de atividade proposto explora esses temas com os alunos.

Palavras-chave: Cinema educativo; Polissemia; Mediação docente; História; Artes.

ABSTRACT

This article discusses the use of cinema in education, highlighting its polysemic nature and the teacher's role as a mediator. Law 13.006/2014 mandates the screening of domestic films in schools. The article proposes a multidisciplinary approach combining Art and History, based on the project "Seeing, Thinking, and Creating: Cinema as a Window to the World," implemented at a municipal school in São Paulo during

after-school hours. The project aims to foster a critical perspective and student agency, countering the desensitization caused by digital isolation. The text reviews the history of educational cinema in Brazil, ranging from the INCE (1930s) to *Cinema Novo*, a movement that emphasized the reality of marginalized communities. The film *Saneamento Básico* (2007) is cited as an example due to its use of metalanguage and its critique of the challenges involved in filmmaking in Brazil. The plot depicts a community making a film to secure funding for sanitation infrastructure, thereby illustrating the symbolic value of art. The proposed activity plan explores these themes with students.

Keywords: Educational cinema; Polysemy; Teacher mediation; History; Art.

INTRODUÇÃO

Ministrar uma aula a partir de um filme na escola pode-se mostrar um desafio, dentre eles a complexa linguagem cinematográfica, pois nela se encontram signos sonoros, visuais e textuais. A “polissemia” (TEIXEIRA, 2021) linguística do cinema leva a diversos significados diferentes sobre a obra, tendo o professor o trabalho como mediador da interpretação do filme. É importante antes mesmo do filme começar o professor reforçar sobre as características do filme como um documento, sobre as intenções de quem o fez, seus objetivos e o que o ano de sua produção pode nos dizer sobre ele. Para o professor de história, o cinema é um mundo de possibilidades para ser explorado em sala de aula. De acordo com a lei nº 13.006/2014, se torna um dever dos professores passar mensalmente 2 horas de filmes nacionais integrados no plano de estudo da escola.

Refletindo a partir da polissemia cinematográfica e da mediação do professor, propomos para esse artigo uma abordagem multidisciplinar, gerando uma discussão mais rica com os alunos a respeito disso. A dificuldade de uma proposta multidisciplinar em horário de aula se torna complexo por conta da logística da escola, porém existe desde 2013, na Rede Municipal de Ensino de São Paulo o Programa Mais Educação São Paulo, instituído pelo Decreto Municipal nº 54.452/2013, permitindo assim a criação de projetos no horário do contraturno para melhor organização dos professores.

Este artigo tem por objetivo principal discutir a abordagem multidisciplinar entre às matérias de Artes e História com base no projeto “Ver, Pensar e Criar: O Cinema como Janela para o Mundo” aplicado em uma escola municipal de ensino fundamental I e II da rede municipal de São Paulo, que aborda os alunos dentro do ciclo autoral e interdisciplinar, buscando desenvolver o olhar crítico e o protagonismo do aluno, tendo aqui uma proposta de atividade para outros grupos e projetos.

DESENVOLVIMENTO

O projeto desenvolvido pelas professoras de Artes e História procura trabalhar novos pontos de vistas, principalmente de pessoas racializadas, além de um combate a dessensibilização que vem assolando os tempos de hoje, onde o isolamento dos jovens em redes sociais e pouco contato com os próximos fazem com que a violência e o egoísmo aos poucos sejam vistos como algo normal.

O cinema não é uma novidade como ferramenta educacional, desde a década de 1930 no Brasil o tema já estava em discussão, porém foi durante o governo de Getúlio Vargas que houve a criação do Instituto Nacional do Cinema Educativo (NASCIMENTO, 2008), com o objetivo de por meio do cinema difundir ideias científicas, educacionais e usar os filmes como uma ferramenta para difundir ideias de valores nacionalistas.

Os filmes criados durante o INCE possuíam temas diversos, desses é possível citar a temática das ciências biológicas como o *Músculos Superficiais do Homem* (1936) focado na biologia e em anatomia ou filmes baseados com uma temática histórica como é o caso do filme *Descobrimento do Brasil* (1937). As películas vinham acompanhadas de fichas explicativas para auxiliar o professor (BLANCO, 2019), esse modelo de filmes levantou questões na época como a substituição dos professores pelo filme educativo com som, além de outra discussão sobre a duração dos filmes, já que eles eram curtos e pensados para serem trabalhados em sala de aula. As criações financiadas pelo INCE divergem de maneira forte com o formato de um cinema tradicional, pois ele segue um modelo focado para o ensino em vez de ter um forte olhar artístico do diretor e envolvidos, mas ele já demonstra a preocupação para o uso social do cinema como um educador.

Como toda arte o cinema foi se desenvolvendo e refinando a sua linguagem, no Brasil durante a década de 1950, surge o movimento Cinema Novo que procura transformar o cinema nacional em uma “expressão genuína da cultura brasileira” (COSTA, 2014), mostrando as dificuldades sociais e focando na população mais pobre do país, como é no cinema de Glauber Rocha, defendendo um cinema revolucionário, levando a famosa frase “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”.

O Cinema Novo traz novos aspectos para a produção nacional ao focar na realidade de pessoas em regiões periféricas, como o próprio Glauber Rocha afirmou em seu manifesto *A Estética da Miséria*: “Nem o latino comunica sua verdadeira miséria ao homem civilizado nem o homem civilizado compreende verdadeiramente a miséria do latino. Eis - fundamentalmente - a situação das Artes no Brasil diante do mundo: até hoje, somente mentiras elaboradas da verdade (os exotismos formais que vulgarizam problemas sociais) conseguiram se comunicar em termos quantitativos, provocando uma série de equívocos que não terminam nos limites da Arte mas contaminam o terreno geral do político” (ROCHA, 1965). O foco nos problemas das regiões mais distantes dos centros econômicos brasileiros, como São Paulo e Rio de Janeiro, apresentas no cinema de Rocha, nos permite pensar possibilidades e abordagens, dentro de uma realidade periférica contemporânea e que pode ser desenvolvida a partir de uma proposta de um projeto do Mais Educação,

Ao trazer os elementos e a proposta de um cinema voltado para a educação e as questões relevantes do Cinema Novo, o projeto Ver, Pensar e Criar: O Cinema como Janela para o Mundo optou por uma atividade a partir do filme de 2007 *Saneamento Básico*, o Filme dirigido por Jorge Furtado, mesmo diretor do curta-metragem *Ilha das Flores* de 1989.

O filme estrelado por Fernanda Torres (Marina), Lázaro Ramos (Zico), Wagner Moura (Joaquim) e Camila Pitanga (Silene) mostra as dificuldades de se fazer cinema no Brasil a partir dos problemas da falta de saneamento básico em uma pequena comunidade de colonos italianos no interior do Rio Grande do Sul. Os moradores a fim de resolver a questão pedem à prefeitura verba para a construção de uma fossa na região, porém o único dinheiro disponível era referente à criação de um filme na cidade, verba está do governo federal para o fomento de cinema em pequenas cidades, porém a verba disponível é de apenas 10 mil reais e caso não seja usada ela irá retornar ao governo federal. Os moradores então decidem fazer um filme sobre um monstro que vive nas obras da fossa, evitando gastar todo o dinheiro do filme para gastá-lo na feitura da construção.

No decorrer da trama é mostrada a dificuldade de se fazer cinema quando se tem baixo orçamento, tendo assim uma metalinguagem de ser um “filme dentro do filme” para poder discutir com os alunos sobre. Pegando elementos e os explicando para os alunos a partir dos personagens, como Marina se tornando uma diretora com o decorrer do filme, Joaquim cuidando dos problemas do backstage, a importância da construção de um roteiro e a dedicação que as pessoas têm ao se fazer cinema.

Saneamento Básico brinca com a ideia do Cinema Novo, onde qualquer um pode fazer cinema, além de partir do problema da população e do filme como uma forma de animar a própria população, o problema do saneamento não é resolvido durante o filme, mas ele conectou a sociedade local, sendo essa a maior importância do cinema, os ganhos simbólicos de se fazer aquilo, mesmo em um país pobre a arte ainda é capaz de conectar pessoas. A partir do filme será construído agora um plano para se desenvolver com os alunos utilizando o filme.

PLANO DE AÇÃO

O plano será feito em formato de Plano de Aula para uma leitura simplificada para o professor, porém ainda pensando no tempo disponível do projeto.

A. Dados de identificação

Escola; Turma; Números de alunos; Duração da aula: 1h30x4

B. Filme: Saneamento Básico, 2007.

C. Objetivos Gerais: Construir a partir do filme Saneamento Básico um olhar sobre o fazer cinematográfico, as funções de cada pessoa por trás da produção de um filme e a função social do cinema.

D. Específicos (História):

- Compreender o contexto histórico do Cinema Novo brasileiro e sua influência no cinema nacional contemporâneo.
- Analisar as políticas públicas de incentivo ao cinema no Brasil (como a lei de fomento ao cinema).

- Refletir sobre as desigualdades sociais (saneamento básico, infraestrutura) e sua relação com o acesso à cultura.
- Identificar o cinema como documento histórico e fonte de memória social.

(Artes):

- Identificar os elementos da linguagem cinematográfica (planos, enquadramentos, trilha sonora, roteiro, direção, montagem).
- Compreender as funções de cada profissional nos bastidores de uma produção audiovisual.
- Desenvolver a capacidade de análise estética e crítica de uma obra fílmica.
- Estimular a criatividade por meio da produção de um curta-metragem ou roteiro colaborativo.

E. Metodologia: Qual a maneira que se organizará a aula para que seus objetivos sejam alcançados e o conteúdo seja ensinado? Qual a concepção teórica norteadora? A metodologia utilizada será a de John Dewey, o ensino por projetos, focando na experiência prática e resolução de problemas reais (FRANKS, FRANCO. 2020) além da pedagogia crítica freiriana que “preocupa-se em realizar conexões entre as práticas educacionais e culturais além da luta pela justiça social e econômica, direitos humanos e uma sociedade democrática, visando ampliar as compreensões críticas e as práticas libertadoras em busca de transformações sociais e pessoais progressistas” (TEILEBAUM, 2011). Levando o aluno como o protagonista do trabalho reflexivo. Utilizaremos em sala atividades como roda de conversa sobre o filme, exibição segmentada e comentada, pesquisa sobre o cinema no Brasil e uma produção de um curta.

F. Desenvolvimento: Descrição de todas as atividades a serem desenvolvidas na aula.

G. Materiais e espaços: Sala multimídia, projetor, recursos digitais - sala de informática.

H. Avaliação: Como poderia ser avaliada a aula e os alunos que participaram dela. Quais os critérios e instrumentos de avaliação da aula?

ENCONTRO 1 – Apresentação, Contextualização e Primeiro Contato com o Filme

O primeiro encontro tem caráter introdutório e sensibilizador. Iniciando com uma roda de conversa na qual os professores perguntam aos alunos: "O que é cinema para você?" e "Que filmes brasileiros você já assistiu?". As respostas são registradas no quadro, servindo como repertório inicial dos conhecimentos e repertório da turma. Em seguida, o professor de História faz uma contextualização histórica do cinema brasileiro, abordando:

- A criação do INCE (Instituto Nacional do Cinema Educativo) durante o governo Vargas, destacando o uso do cinema como ferramenta de difusão de valores educacionais e nacionalistas;
- O movimento Cinema Novo e sua proposta de um cinema revolucionário, com a célebre frase de Glauber Rocha: "uma câmera na mão e uma ideia na cabeça";
- A Lei nº 13.006/2014, que torna obrigatória a exibição mensal de 2 horas de filmes nacionais nas escolas.

Paralelamente, o professor de Artes introduz os elementos básicos da linguagem cinematográfica, explicando de forma simples e visual:

- Os tipos de planos (close-up, plano médio, plano geral, plongée e contra-plongée);
- A importância da trilha sonora e dos efeitos sonoros;
- A estrutura narrativa (apresentação, conflito, clímax, desfecho);
- As funções básicas de direção, roteiro, fotografia, montagem e produção.

Para fixar esses conceitos, são exibidas cenas curtas de Saneamento Básico como exemplo prático, com os alunos identificando os elementos que acabaram de estudar. Após essa base teórica, os alunos recebem uma ficha técnica do filme com informações sobre diretor, elenco, ano de produção, sinopse e contexto de lançamento. O professor explica que o longa será exibido em partes ao longo dos encontros, para facilitar a análise detalhada. Então, é exibida a primeira parte do filme (cerca de 30 minutos), que vai do início até o momento em que os moradores decidem usar a verba do cinema para construir a fossa e criam a ideia do filme do monstro. Ao final, cada aluno registra por escrito uma impressão pessoal sobre essa primeira parte, respondendo à pergunta: "O que mais chamou minha atenção nessa primeira parte e por quê?" Esses registros serão usados como material de reflexão nos encontros seguintes.

ENCONTRO 2 – Aprofundamento da Análise e Exploração das Funções Cinematográficas

O segundo encontro começa com a retomada das impressões registradas no encontro anterior, com alguns alunos compartilhando suas observações. O professor faz uma breve síntese das percepções da turma, conectando-as aos temas centrais do filme. Em seguida, é exibida a segunda parte do filme (mais 30 minutos), que mostra os moradores colocando o roteiro em prática, enfrentando os primeiros desafios de produção e lidando com a burocracia e os imprevistos. Ao terminar a exibição, os professores mediam uma roda de conversa com os seguintes questionamentos norteadores:

- "Por que a comunidade decidiu fazer um filme em vez de outras formas de reivindicação?"
- "O que o filme revela sobre a burocracia e as dificuldades de acesso a recursos públicos no Brasil?"

- "Como a falta de saneamento básico é retratada na obra? Isso se parece com a realidade de comunidades que vocês conhecem?"
- "O filme usa comédia para falar de um problema sério. Isso funciona? Por quê?"

Os professores estimulam os alunos a trazerem exemplos de outras obras cinematográficas e literárias que também usam o humor para tratar de questões sociais, ampliando o repertório crítico da turma. Na sequência, ocorre uma atividade prática em grupos sobre as funções nos bastidores do cinema. Os alunos são divididos em grupos de 4 a 5 e recebem cartões com as seguintes funções: diretor, roteirista, diretor de fotografia, montador/editor, produtor, sonoplasta, figurinista e assistente de direção. Com o auxílio de tablets, livros ou materiais impressos disponibilizados pelos professores, cada grupo pesquisa rapidamente as atribuições de sua função e depois apresenta para a turma. O professor de Artes complementa as apresentações com exemplos práticos retirados do próprio Saneamento Básico, mostrando como cada uma dessas funções aparece (ou é ironizada) na trama. Para encerrar, os alunos registram no caderno a reflexão: "Qual função nos bastidores do cinema você gostaria de exercer? Por quê?", exercitando a identificação pessoal com as diferentes áreas do fazer audiovisual.

ENCONTRO 3 – Aprofundamento Temático, Metalinguagem e Início da Criação Autoral

O terceiro encontro inicia com um aquecimento audiovisual: a exibição do curta-metragem *Ilha das Flores* (1989), também de Jorge Furtado, com duração de 13 minutos. Após a exibição, os professores conduzem uma discussão rápida sobre a crítica social presente no curta, estabelecendo um paralelo com o estilo do diretor e com os temas que serão aprofundados em *Saneamento Básico*. Em seguida, é exibida a terceira e última parte do filme (cerca de 30 minutos), que abrange o clímax da história, as reviravoltas na produção do "filme do monstro" e o desfecho da trama. Com o filme completo, os professores promovem uma análise crítica e multidisciplinar articulando as duas áreas:

- **História:** o professor contextualiza as políticas públicas de incentivo ao cinema no Brasil (Ancine, leis de fomento, editais), discute a importância da arte como resistência cultural e retoma a noção do cinema como documento histórico e fonte de memória social. Também aborda a questão do saneamento básico como um direito e reflexo das desigualdades estruturais do país.
- **Artes:** o professor aprofunda a análise da metalinguagem presente no filme — o "filme dentro do filme" — e conduz os alunos a perceberem como a obra brinca com os próprios códigos do fazer cinematográfico. São levantadas questões como: "Como o filme mostra as dificuldades de se fazer cinema com baixo orçamento?"; "O que a personagem Marina representa em termos de aprendizado e improvisação?"; "De que maneira a obra homenageia e, ao mesmo tempo, ironiza o Cinema Novo?".

A discussão culmina com o questionamento: "O filme termina com o saneamento resolvido? O que fica como mensagem principal?", levando os alunos a perceberem que, embora o problema concreto não tenha sido solucionado, os ganhos simbólicos — a união da comunidade, a valorização da cultura local

e o protagonismo dos moradores — são igualmente transformadores. Na segunda metade do encontro, inicia-se a atividade prática de criação autoral. Em grupos, os alunos devem desenvolver um roteiro curto (uma página) para uma cena de um filme que aborde um problema real da comunidade escolar ou do bairro (por exemplo: falta de área verde, dificuldades de transporte, bullying, infraestrutura precária, entre outros). O roteiro deve conter: personagens, cenário, conflito e uma possível solução ou reflexão. O professor de Artes auxilia os grupos na estrutura narrativa, enquanto o professor de História orienta sobre a relevância social e histórica do tema escolhido. Ao final, os grupos socializam suas ideias em uma roda de apresentação, e a turma vota na proposta mais interessante e viável para ser produzida no encontro seguinte. Essa escolha coletiva reforça o senso de pertencimento e protagonismo dos alunos.

ENCONTRO 4 – Produção, Finalização e Apresentação dos Curtas

O quarto e último encontro é dedicado à materialização da criação autoral. Com base no roteiro escolhido pela turma, os alunos definem coletivamente:

- A locação (dentro da própria escola, como pátio, sala de aula, biblioteca ou quadra);
- O elenco (quem vai atuar em cada papel);
- As funções técnicas (quem filma, quem dirige, quem cuida do som e da iluminação, quem faz a continuidade).

Os professores atuam como orientadores, garantindo que todos os alunos tenham uma função ativa no processo, respeitando suas habilidades e interesses. Com os celulares disponíveis (dos próprios alunos ou fornecidos pela escola), os grupos gravam as cenas do curta-metragem, que deve ter entre 3 e 5 minutos de duração. O professor de Artes orienta sobre enquadramentos, ângulos, iluminação natural e movimentos de câmera, enquanto o professor de História auxilia na coerência da narrativa e na abordagem crítica do tema escolhido. Após a captação das imagens, os alunos utilizam aplicativos simples de edição (como CapCut, InShot ou o editor nativo do celular) para montar o vídeo, realizando cortes, ajustes de áudio, inserção de trilha sonora (podendo ser criada ou selecionada em bancos de áudio livres de direitos autorais) e créditos finais com os nomes da equipe.

Concluída a edição, os curtas são exibidos para a turma em uma pequena "mostra de cinema". Cada grupo apresenta brevemente a proposta do filme, o processo de criação e os desafios encontrados. Os professores e os colegas dão retornos construtivos, valorizando o esforço e a criatividade de todos. Para encerrar o projeto, cada aluno escreve uma autoavaliação respondendo às perguntas: "O que aprendi com este projeto sobre cinema, história e trabalho em equipe?" e "Como posso usar esse aprendizado na minha vida?". Essas reflexões individuais são recolhidas pelos professores e compõem o portfólio final da experiência. Como atividade complementar (opcional), os curtas produzidos podem ser exibidos em um evento escolar aberto à comunidade, como uma amostra cultural, ou disponibilizados nas redes sociais da escola, ampliando o alcance do trabalho e valorizando o protagonismo dos alunos.

Esse formato contínuo apresenta o desenvolvimento do projeto de maneira fluida e integrada, evidenciando a progressão das atividades e a articulação entre os conhecimentos de Artes e História ao longo dos quatro encontros.

Além da presença, o desenvolvimento final do projeto será a criação de um curta metragem a partir dos problemas do bairro, assim como os protagonistas fizeram. Além de uma ficha de auto-avaliação e do empenho dos integrantes do grupo/elenco na construção do curta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou discutir as potencialidades e os desafios do uso do cinema como ferramenta pedagógica no ambiente escolar, com ênfase na abordagem multidisciplinar entre as disciplinas de Artes e História. A experiência do projeto "Ver, Pensar e Criar: O Cinema como Janela para o Mundo", desenvolvido na Escola Municipal Antonio de Sampaio Dória, demonstra que o cinema, quando devidamente mediado pelo professor, transcende seu caráter meramente lúdico e se configura como um poderoso instrumento de formação crítica e cidadã.

A polissemia da linguagem cinematográfica, longe de ser um obstáculo, revela-se como uma oportunidade ímpar para o desenvolvimento do olhar interpretativo dos alunos. Ao trabalhar com filmes como Saneamento Básico, o Filme, os estudantes não apenas entram em contato com questões técnicas e estéticas da sétima arte, mas também refletem sobre problemáticas sociais estruturais, como a falta de saneamento básico, a precariedade do financiamento cultural e a potência transformadora da arte em comunidades marginalizadas.

A proposta interdisciplinar entre Artes e História, viabilizada pelo Programa Mais Educação São Paulo, evidencia que é possível superar as barreiras logísticas da escola por meio de projetos estruturados no contraturno. Essa organização permite que os professores tenham tempo e espaço para planejar atividades mais profundas, que conectem o conteúdo curricular à realidade dos alunos, estimulando seu protagonismo e sua capacidade de questionamento.

Ademais, o resgate histórico do uso do cinema na educação, desde o Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE) até o movimento Cinema Novo mostra que a relação entre cinema e ensino não é nova, mas se renova constantemente. Enquanto o INCE via o cinema como veículo de difusão de valores nacionalistas e conhecimentos científicos, o Cinema Novo, com sua "câmera na mão e uma ideia na cabeça", trouxe à tona as vozes das periferias e dos excluídos, inspirando práticas pedagógicas mais engajadas e sensíveis às desigualdades sociais.

O filme de Jorge Furtado, ao abordar a metalinguagem e as dificuldades de se fazer cinema no Brasil, oferece um rico ponto de partida para que os alunos compreendam não apenas os bastidores da produção cinematográfica, mas também o papel simbólico da arte como elemento de coesão

comunitária. Apesar de o saneamento básico não ser resolvido na trama, o filme mostra que os ganhos simbólicos, o engajamento, a criatividade e a união da comunidade

Por fim, o plano de aula proposto, ainda que em esboço, aponta para a necessidade de uma prática pedagógica intencional, que considere a avaliação contínua, a escolha criteriosa de materiais e a reflexão docente sobre os resultados alcançados. A experiência aqui relatada reforça que o cinema, quando integrado ao currículo de forma crítica e interdisciplinar, contribui para a formação de jovens mais conscientes, criativos e solidários, capazes de ver o mundo com outros olhos.

Assim, conclui-se que o uso do cinema em sala de aula, especialmente em projetos multidisciplinares, não é apenas um cumprimento da lei nº 13.006/2014, mas uma prática pedagógica essencial para a construção de uma educação humanizadora, que valoriza a arte como expressão, a história como memória e o aluno como sujeito ativo de seu próprio aprendizado. Que iniciativas como a do projeto "Ver, Pensar e Criar" possam servir de inspiração para outras escolas e redes de ensino, ampliando o alcance do cinema como janela para o mundo e ferramenta de transformação social.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014. Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394/1996, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de Educação Básica.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394/1996, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

CARVALHO DO NASCIMENTO, Jairo. CINEMA E ENSINO DE HISTÓRIA: REALIDADE ESCOLAR, PROPOSTAS E PRÁTICAS NA SALA DE AULA. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 1–23, 2008. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/34>. Acesso em: 17 ago. 2026.

Fúlvia Fabiola Franks, & Elize Keller-Franco. (2020). APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS: : a concepção de docentes. *Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar*, 6(17). Recuperado de <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RECEI/article/view/2295>

MACEDO, Felipe. Cineclubismo: ontem, hoje e amanhã. São Paulo: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP, 2010.

MACHADO, Gabriella Eldereti; OLIVEIRA, Valeska Maria Fortes de (ORGS.). **Cinema e educação: experiências estéticas de ensino e aprendizagens com a sétima arte**. [S.l.]: Eulim, 2020.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Programa Mais Educação São Paulo: subsídios para a implantação. São Paulo: SME/DOT, 2014

Santos *et al.* Pedagogia crítica Freiriana: reflexões e contribuições na Educação Profissional e Tecnológica. **Mal-Estar e Sociedade**, v. 12, n. 2, 2023.

SIRINO, Salete Machado. ENSINAR E APRENDER A ENSINAR CINEMA BRASILEIRO, EIS A QUESTÃO!. **Revista Científica/FAP**, Curitiba, v. 22, n. 1, 2020. DOI: 10.33871/19805071.2020.22.1.3313. Disponível em:

<https://periodicos.unespar.edu.br/revistacientifica/article/view/3313>. Acesso em: 17 ago. 2026.